

FÉ MILENAR: ENSAIO SOBRE A PRESENÇA CRISTÃ NA ÁFRICA ANTES DA ERA COLONIAL

Glauber Henrique Rocha¹

Resumo

É corrente a crença de que o Continente Africano foi “cristianizado” por meio da colonização europeia. Tal crença, no entanto, não leva em conta diversos aspectos históricos relacionados ao cristianismo nessa região. Este artigo confronta os estereótipos construídos sobre a África e contrapõe a história única divulgada sobre esse continente. Para isso, investiga as expressões cristãs na África na era pré-colonialista. Como comprovação da presença do cristianismo em solo africano antes da ação dos colonizadores europeus, foram identificados textos bíblicos, produções escritas, ilustrações e desenvolvimento intelectual que influenciaram a Europa e o restante do mundo cristão.

Palavras-Chave: Intelectuais africanos; Cristianismo; História única; Descolonização das mentes; Mundo cristão.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**

Organização Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Received: 30/11/2023

Approved: 09/09/2024

Como citar: ROCHA, G. H. Fé milenar: ensaio sobre a presença cristã na África antes da era colonial. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 19, n. 1, p. e1601, 2024. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v19.n1.pe1601>

¹ Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Ensino de Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores. Pós-graduação em Orientação Educacional pela Faculdade de Educação São Luís. Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores, Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB - FAECAD. Integrou o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Relações Raciais e Movimentos Sociais (NEGRAM). Atualmente é professor de Geografia da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). E-mail: ghenriquecr@gmail.com



MILLENNIAL FAITH: ESSAY ON THE CHRISTIAN PRESENCE IN AFRICA BEFORE THE COLONIAL ERA

Abstract

It is a widespread belief that the African continent was "Christianized" through European colonization. However, such a belief disregards several historical aspects related to Christianity in Africa. This article challenges the stereotypes constructed about Africa and opposes the single narrative often disseminated about this continent. To achieve this, it investigates Christian expressions in Africa during the pre-colonial era. As evidence of the presence of Christianity on African soil before European colonizers, biblical texts, written works, illustrations, and intellectual developments that influenced Europe and the broader Christian world were identified.

Keywords: African intellectuals; Christianity; Unique history; Decolonization of minds; Christian world.

FE MILENARIA: ENSAYO SOBRE LA PRESENCIA CRISTIANA EN ÁFRICA ANTES DE LA ERA COLONIAL

Resumen

Es una creencia común que el continente africano fue "cristianizado" a través de la colonización europea. No obstante, dicha creencia no toma en consideración diversos aspectos históricos relacionados con el cristianismo en África. Este artículo cuestiona los estereotipos construidos sobre África y se opone a la narrativa única difundida sobre este continente. Para ello, investiga las expresiones cristianas en África durante la era precolonial. Como prueba de la presencia del cristianismo en suelo africano antes de la acción de los colonizadores europeos, se identificaron textos bíblicos, obras escritas, ilustraciones y desarrollos intelectuales que influyeron en Europa y en el resto del mundo.

Palabras clave: Intelectuales africanos; Cristianismo; Historia única; Descolonización de las mentes; Mundo cristiano.



INTRODUÇÃO

Ainda que pareça estranho para algumas pessoas, é importante compreender que o cristianismo já estava presente em diversas regiões do continente africano antes mesmo do exercício do domínio colonial. Reconhecer essa realidade histórica é fundamental para corrigir a percepção equivocada, ainda comum entre cristãos de outras regiões, de que o cristianismo só chegou ao continente africano por meio do colonialismo europeu. Tal concepção foi construída pela influência e ação de países europeus no processo de divulgação e comunicação de conhecimentos, que muitas vezes resultaram em discursos que infernizavam e deslegitimavam o legado cultural de diferentes povos e civilizações da África, Ásia e América.

Uma vez que o conhecimento compartilhado sobre a história do cristianismo é tradicionalmente apresentado a partir da perspectiva ocidental, pouco é divulgado sobre o cristianismo oriental, causando um processo de invisibilização histórica do cristianismo africano. Mesters e Orofino (1996, p. 37) notam a escassez de informações sobre as tradições cristãs na África, contrastada com a ampla divulgação de conhecimentos relacionados a Roma, Grécia, Ásia Menor e Síria. Sobre isso, Köester (1988, p. 742) destaca:

Desgraçadamente não existe nenhum testemunho sobre os começos do cristianismo no Egito, ainda que, sem dúvida, o trabalho missionário cristão alcançasse já Alexandria durante o século I de nossa era. Diante desta realidade o historiador deve tentar obter suas conclusões a partir de testemunhas tardias. Não se esclarece por que as notícias sobre a época primitiva do cristianismo no Egito são tão escassas, enquanto as tradições cristãs de Síria, Ásia Menor e Grécia, ainda que incompletas, são suficientemente ricas e diversificadas.

Ideias de superioridade europeia são uma das principais razões para esse fato. Hegel, por exemplo, no livro *Filosofia da História*, busca legitimar a ação de domínio dos europeus através do tripé de inferiorização dos aspectos geográfico, humano e religioso. A percepção de uma África infantilizada e sem autoconsciência histórica é defendida pelo autor:

A principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. Em sua unidade indiscriminada e compacta, o africano ainda não chegou a essa distinção de si como indivíduo e de sua generalidade essencial. Por isso, carece também do conhecimento de uma essência absoluta, que seria um outro, superior a ele mesmo. O negro representa, como foi dito, o homem natural, selvagem e indomável (Hegel, 1995, p. 83-84).



Essa percepção “eurocentrada” construiu e divulgou o estereótipo de uma cultura africana totalmente desconectada de valores e princípios que dialogam com o cristianismo. Resultam disso o silenciamento e a invisibilização dos cristãos africanos, que, inclusive, colaboraram no processo de formação e desenvolvimento das bases do cristianismo.

Ter em consideração esses personagens e suas contribuições colabora para uma visão mais rica e diversa do Continente Africano. Em uma palestra no TED Talk em 2009, a escritora nigeriana Adichie chamou a atenção para o problema de narrativas absolutas que não são confrontadas: “A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentiras, mas que sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história” (Adichie, 2019).² Histórias únicas são resultado da imposição de poder. Por isso, é necessário entender a contribuição de personagens africanos para o desenvolvimento do cristianismo.

Compreender o papel da África para a fé cristã é parte de um processo de “descolonização das mentes e corações”, conforme define Fanon, em sua obra *Os condenados da terra* (1968), o que proporciona uma visão imune ao padrão cultural imposto pelos colonizadores. Sobre isso, Romão e Gadotti (2012, v. 3, p. 98) explicam:

O colonizador traz a ideia da superioridade racial e cultural e coisifica o colonizado. Frantz Fanon chama a prática da colonização de “psicopatia”, uma prática na qual ambos – colonizador e colonizado – são vitimizados. Por isso, é preciso libertar a ambos e não apenas ao colonizado. O colonizado, na sua luta pela libertação, liberta também o colonizador, fazendo com que este recupere a sua “humanidade”.

Em síntese, o discurso do colonizador apresenta a cultura do colonizado como inferior, comunicando a ideia de que o colonizado precisa da proteção e da cultura supostamente superior do colonizador. Curiosamente, porém, ao tratar da concepção de Deus presente nas diversas religiões africanas no período pré-colonial, Opoku apresenta características que já estavam presentes e dialogavam com o entendimento cristão: “Deus não possuía imagens nem representações físicas: era o criador e o pilar do mundo. Poder, justiça, beneficência e eternidade eram atributos dele e, como fonte de todo o poder, governava a vida e a morte” (Opoku, 2010, p. 592). Ainda segundo o autor:

² A palestra completa pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em: 04 mar. 2023.



De forma geral, Deus não se assemelhava aos seres humanos e era totalmente superior à sua criação, mas, ao mesmo tempo, envolvia-se nos negócios dos homens, sustentando a criação e defendendo a ordem moral, assim como os seres humanos repousavam sobre ele enquanto poder que lhes era superior. Deus, portanto, era ao mesmo tempo transcendente e imanente” (Opoku, 2010, p. 592).

Essa antiga definição de Deus afasta-se das perspectivas de uma África que professa uma fé animista de forma praticamente uniforme, visão que é muito comum entre cristãos ocidentais na atualidade.

Segundo Opoku (2010 *apud* Gino, 2022, p. 153), existem três fases do cristianismo em solo africano que antecedem o domínio colonial europeu:

1) A que se encerrou no século VII da era cristã, com o forte advento do islã, deixando algumas colônias cristãs dispersas no deserto da parte Norte do continente africano e, principalmente, na região da Etiópia; 2) No século XV, foi marcada com o intenso processo de explorações portuguesas que, por sua vez, termina com o tráfico de escravos; e 3) Entre 1800-1885, que foi desencadeada pelo surgimento de um poderoso movimento missionário no final do século XVIII, na Europa.

Neste artigo, vamos considerar as manifestações cristãs africanas que estão inseridas na primeira fase.

CRISTIANISMO EM SOLO AFRICANO

Quando consideramos o cristianismo como “religião organizada” em solo africano, podemos identificar sua presença no Egito ainda no 1º século d.C. e, no fim do 2º século d.C., na região próxima de Cartago. “O cristianismo no continente africano começa sua história, principalmente, em quatro locais: Alexandria e Copta, no Egito, a região norte da África em torno da cidade de Cartago, Núbia e as estepes da Etiópia” (McGuckin, 2011, v. 1, p. 30). A presença cristã ali não foi insignificante. Segundo Oden (2022) o cristianismo não teria sua vitalidade atual em dois terços do mundo sem a compreensão intelectual que foi desenvolvida na África entre os anos 50 e 500 d.C. Dessa perspectiva, é inviável estudar a história da igreja sem considerar as contribuições africanas.

O primeiro século tem como um referencial de origem para o cristianismo o serviço de João Marcos, o Evangelista, que fundou a Igreja Ortodoxa Alexandrina por volta do ano 42 ou 43 d.C. Sobre a relevância de Alexandria para o desenvolvimento do cristianismo, é válido



destacar sua localização estratégica junto ao mundo Mediterrâneo, região que conecta a porção norte da África, Ásia Menor e Europa.

As Escrituras também apontam para a presença de africanos nos primórdios do cristianismo. Entre os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio após a morte de Estêvão (At 11:17), havia representantes de Cirene que, posteriormente, chegaram à cidade de Antioquia e compartilharam o evangelho aos falantes de língua grega (At 11:20).

As cartas paulinas também apresentam personagens que merecem destaque, como Simão, o Negro, e Lúcio de Cirene, ambos líderes da igreja de Antioquia da Síria (At 31:1), local onde os discípulos foram, pela primeira vez, chamados de cristãos (At 11:26). Nesse mesmo local, juntamente com outros líderes, eles comissionaram o apóstolo Paulo para o serviço missionário (At 13:2-3).

Outro personagem africano que aparece nos relatos paulinos é Apolo, oriundo de Alexandria, no Egito. Ele foi discipulado por Priscila e Áquila (At 18:24-26) e pregou nas comunidades cristãs de Éfeso e Corinto. Há também o eunuco etíope (At 8:26-39), funcionário da rainha Candace, que reinava sobre a Etiópia. Ele foi batizado por Filipe e, provavelmente, era um judeu prosélito que se tornou cristão ao perceber que as profecias messiânicas das Escrituras apontavam para Jesus.

Há ainda importantes personagens oriundos da África que proporcionaram meios para o desenvolvimento do cristianismo e da teologia, a saber: Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Cipriano de Cartago, Atanásio de Alexandria e Agostinho de Hipona. Esses e outros expoentes africanos contribuíram com argumentos que moldaram a mente cristã. Oden destaca sete exemplos de contribuição:

Como o nascimento da universidade europeia foi previsto pelo cristianismo africano; Como a exegese cristã histórica e espiritual das Escrituras amadureceu na África; Como os pensadores africanos moldaram o cerne dos dogmas mais básicos do cristianismo primitivo; Como as decisões ecumênicas primitivas seguiram os padrões conciliatórios da África; Como a África moldou as formas ocidentais da formação espiritual através da disciplina monástica; Como a filosofia neoplatônica da antiguidade tardia se transferiu da África para a Europa; Como certas habilidades literárias e dialéticas influentes foram refinadas na África (Oden, 2022, p. 47).

A presença do cristianismo em solo africano desde os primeiros séculos da era cristã revela uma história rica e fundamental para a compreensão da fé, desconstruindo a ideia de que o cristianismo foi uma imposição ao continente. As contribuições intelectuais, teológicas



e espirituais de pensadores africanos foram essenciais para o desenvolvimento de doutrinas e práticas que moldaram o cristianismo em escala global. O papel pioneiro das igrejas africanas no desenvolvimento da exegese bíblica e na formação de tradições monásticas e filosóficas revela uma herança muitas vezes ignorada pela historiografia tradicional.

Ao considerar essa história, torna-se imprescindível reconhecer que a fé cristã ali não apenas antecedeu o colonialismo, mas foi parte integral da formação da igreja global, contribuindo de maneira decisiva para a constituição da cristandade. Assim, o estudo da história da igreja sem a inclusão das influências africanas se apresenta como incompleto e descontextualizado.

ESPACIALIZAÇÃO DO CRISTIANISMO PRIMITIVO NA ÁFRICA

As doutrinas construídas para interpretar e explicar Jesus Cristo foram produzidas no decorrer do tempo em vários centros situados às margens do Mediterrâneo, com destaque para: Roma, Constantinopla, Antioquia, Jerusalém e Alexandria. As Figuras 1 e 2 abaixo mostram mapas que ilustram a relevância desses centros teológicos conectados pelo Mar Mediterrâneo e demonstram a participação deles no que ficou conhecido na história do cristianismo como *pentarquia* (do grego *pentē*, cinco, e *arquia*, governo ou governante) e designava o sistema eclesiástico comandado a partir dessas cinco regiões.

Figura 1 - Mapa das 4 Igrejas Orientais na Pentarquia, por volta de 500 d.C.



Fonte: Disponível em: <https://searchworks.stanford.edu/view/10453897> - Patriarchati Orientales (19 of 57).



Figura 2 - Território dos cinco Patriarcas em 381 d.C.



Fonte: O autor.

Ao referir-se ao cristianismo primitivo na África, não se considera todo o continente, mas a uma parte muito particular de sua costa norte. Essa área caracterizava-se pela grande circulação de pessoas e ideias, o que contribuiu para o processo de construção e dispersão do cristianismo ao longo da região mediterrânea.

Sobre a Igreja em Alexandria, Eusébio de Cesareia, que foi bispo de Cesareia e é considerado o “pai da história da Igreja”, tratou sobre as ações daquela organização eclesiástica na obra *História Eclesiástica*. Segundo Eusébio, Marcos foi o primeiro a pregar aos egípcios o conhecimento de Cristo:

1. Dizem que este Marcos foi o primeiro a ser enviado ao Egito, e que ali pregou o Evangelho que ele havia posto por escrito e fundou igrejas, começando pela de Alexandria. 2. E surgiu ali, na primeira tentativa, uma multidão de crentes, homens e mulheres, tão grande e com um ascetismo tão conforme a filosofia e tão ardente, que Fílon achou que era digno colocar por escrito suas práticas, suas reuniões, suas refeições em comum e tudo o mais referente ao seu modo de vida (Cesaréia, 2002, p. 42).

Segundo Eastman,

tradições muito antigas afirmam que o apóstolo Mateus viajou até o sul da Etiópia, e Marcos, o ator do Evangelho, é conhecido como o apóstolo do Egito. Quando se trata de cristianismo, a África não ficou para trás. Ela estava lá desde o início (Eastman, 2023, p. 19).

Sobre o início das ações eclesiais em Alexandria, a língua oficial para a liturgia da igreja era o grego. Porém, até o final do 2º século d.C., o texto sagrado e as práticas litúrgicas foram traduzidos para três línguas locais. Cabe destacar que os processos de cristianização não foram necessariamente pacíficos, ou seja, parte significativa do pensamento cristão está ancorada



na África, mas essa afirmação não implica uma homogeneização do cristianismo em solo africano. A experiência religiosa foi reproduzida de maneira difusa, associando tanto contextos de imposição quanto de livre apropriação.

Outra questão que deve ser mencionada é a presença do Islã em solo africano, visto que experimentou um considerável aumento na porção norte da África, o que resultou em pressão sobre os cristãos e os esvaziou em número, diminuindo a Igreja Ortodoxa Copta, do Egito, e a Igreja Ortodoxa Tewahedo Etíope, do Chifre da África.

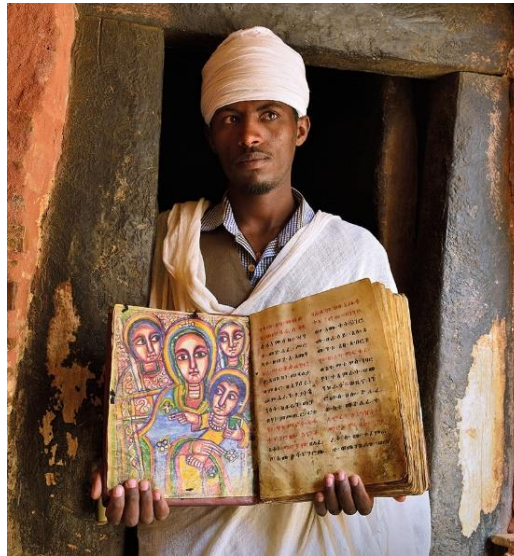
A expansão do islamismo na porção norte da África se deu durante o século 7 d.C., período que foi marcado pelo domínio muçulmano no continente. A porção ocidental africana recebeu forte influência da fé muçulmana, uma vez que os governantes africanos toleravam a religião e alguns se converteram a ela. A propagação do islamismo alcançou o deserto do Saara e a África Oriental. Ressalta-se a existência de focos de resistência, por vezes violentas, de adeptos das religiões tradicionais africanas, como o animismo, com características culturais de veneração e respeito aos antepassados. O crescimento do Islã estava relacionado também a conveniências econômicas.

ICONOGRAFIA DA BÍBLIA ETÍOPE

Buscando destacar a presença do cristianismo em solo africano, a *National Geographic Portugal* divulgou a reportagem “A fé escavada nas rochas sagradas da Etiópia”. Dentre os pontos abordados, para este estudo é relevante a tradução do grego para o *ge’ez* (idioma pertencente ao grupo das antigas línguas semíticas meridionais) do Antigo Testamento, do Novo Testamento e de outros textos sagrados. Compõem a reportagem a foto de um jovem monge com uma Bíblia Sagrada etíope encadernada a pele de cabra, como pode ser vista na Figura 3.



Figura 3 – Monge com Bíblia Sagrada etíope



Fonte: Figura SEQ Figura * ARABIC 3 – Monge. Disponível em: <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/1140-fe-escavada-rochas-sagradas-etiofia-ago2016>. Acesso em 04 mar. 2023.

Diferente de outros códices, que passaram por restauração, os Evangelhos de Garima, como são chamados, foram preservados em ambiente seco e isento de luz em um mosteiro de Garima, perto da Adwa, na região norte da Etiópia. Essas condições resultaram na preservação e manutenção da intensidade das cores originais. Considera-se que eles datam do período entre 330 d.C. e 650 d.C. Segundo uma lenda local, Deus teria atrasado o sol para que o monge pudesse copiar os evangelhos inteiros em apenas um dia.

Exames de datação feitos pelo método do carbono 14 permitiram datar o achado entre os anos 330 e 650. Esta Bíblia tinha sido examinada anteriormente por outros estudiosos que, inicialmente, tinham-na datada do século XI. Exames mais precisos e mais rigorosos informam que sua origem é mais antiga. Estudos informam que os textos de mais de 1.600 anos foram copiados por um monge de Constantinopla que chegou à Etiópia em 494 d.C. Segundo a tradição, ele teria copiado os Evangelhos em poucos dias (André, 2010).

As ilustrações retratam passagens dos quatro evangelistas, a saber: Mateus, Marcos, Lucas e João. Especialistas afirmam que os manuscritos foram organizados em dois volumes escritos em estilos distintos. Nelas, destaca-se a representação das características fenotípicas dos povos africanos, como, por exemplo, o formato dos olhos, a tonalidade da pele, a cor e a textura do cabelo, etc. Afirma-se que a Bíblia etíope pode ser o mais antigo exemplar do texto sagrado ilustrado do mundo. Exemplos de ilustrações podem ser encontrados nas Figuras 4 a 7 na sequência.



Figura 4 - Códice Alwan 28



Fonte: André (2010).

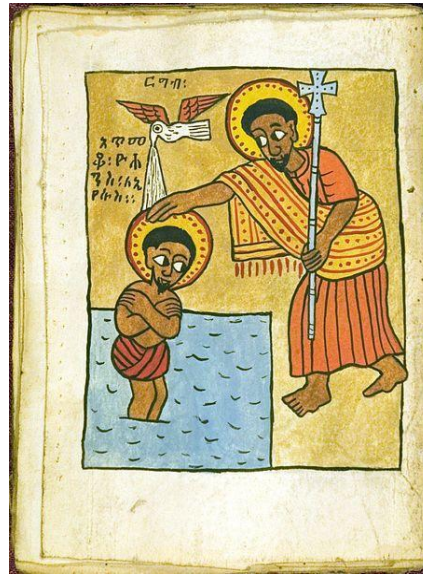
Figura 5 - Batismo



Fonte: U. Oregon Museum.

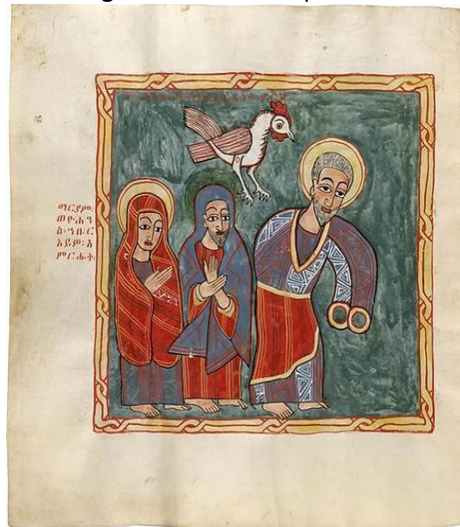


Figura 6 – Batismo II



Fonte: Museu de História Natural e Cultural da Universidade de Oregon, prateleira Mark 10-844 - Saltério - século XX.

Figura 7 - Pedro arrependido



Fonte: British Library Add. MS 59874 Bíblia etíope³

CRISTIANISMO NO REINO DE AXUM

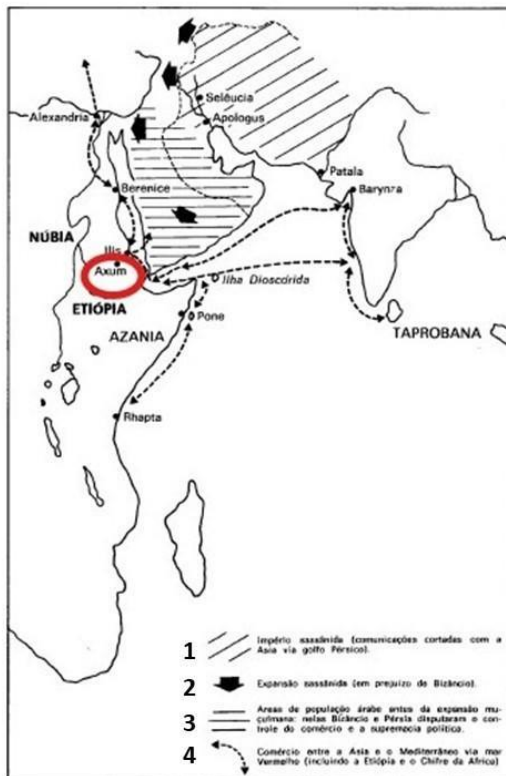
Podem também ser destacadas as marcas do Cristianismo no Reino de Axum, região hoje conhecida como Etiópia setentrional, “o Chifre da África”. É a região mais oriental do

3 "[Desde a noite em que Jesus foi traído e capturado pelas autoridades [...] o apóstolo Pedro é retratado com Maria e João. O galo colocado atrás da cabeça de Pedro é uma lembrança de Jesus dizendo a Pedro: "Verdadeiramente, eu digo a você esta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, você me negará três vezes ". Pedro nega veementemente, mas mais tarde naquela noite, enquanto esperava no pátio do sumo sacerdote por notícias de Jesus após sua prisão, ele negou ser um seguidor de Jesus três vezes." Disponível em < <http://bibliodyssey.blogspot.com/2007/11/ethiopian-manuscripts.html> >. Acesso em 04 mar. 2023.



continente africano, formada por quatro países: Etiópia, Eritreia, Somália e Djibuti. Sua localização pode ser vista na Figura 8.

Figura 8 – Mapa da expansão axumita



Fonte: O autor. Destaque para a localização do Reino Axum⁴

Segundo relatos populares, o rei Ezana converteu-se ao cristianismo no século 4 d.C., por meio do monge cristão Frumêncio, oriundo da Fenícia, e que se tornou bispo de Axum, sendo também considerado santo. Após a conversão do monarca, toda a região da Etiópia e parte da Núbia foram fortemente influenciadas pelo cristianismo e grande parte da população se converteu.

Mesmo assim, a Igreja Ortodoxa Etíope manteve-se subordinada à Igreja Copta Egípcia desde o início até 1959, quando ocorreu o cisma entre esses dois ramos do cristianismo devido às suas particularidades ritualísticas. Cabe destacar que o Reino de Axum integrou um grupo de reinados que confrontou a expansão do Islã no território africano, com destaque para os Reinos Faras (Nobácia), Dongala e Alódia.

⁴ Kobishanov (2010), (Figura 15.1 – página 402). INFORMAÇÕES DA LEGENDA: 1 – Império sassânida (comunicações cortadas com a Ásia via golfo Pérsico). 2 – Expansão sassânida (em prejuízo de Bizâncio). 3 – Áreas de população árabe antes da expansão muçulmana: nelas Bizâncio e Pérsia disputaram o controle do comércio e a supremacia política. 4 – Comércio entre a Ásia e o Mediterrâneo via mar Vermelho (incluindo a Etiópia e o Chifre da África).



CONCLUSÃO

A análise de relatos e personagens bíblicos realizada neste artigo auxiliou na comprovação da presença dos ensinamentos de Cristo entre os africanos já nos primórdios do cristianismo. Por meio de evidências escritas e ilustradas, foi demonstrado também que as leituras e compreensões cristãs na África não são meras expressões e reprodução do modelo europeu, o que demonstra que existe autonomia e identidade no cristianismo africano. Outro fator destacado foi a contribuição de intelectuais africanos para a leitura e interpretação dos textos sagrados para o cristianismo.

A percepção de que o cristianismo, desde suas origens, está presente na África implica em uma observação importante: a presença da fé cristã não é resultado do colonialismo, afinal, existia lá antes mesmo dos missionários que atuaram no continente a partir das grandes navegações.

Por fim, tangencialmente, foi demonstrada a importância da luta contra os estereótipos impostos e propagados sobre o Continente Africano, que descrevem esse recorte do mundo por meio de um viés reducionista e preconceituoso, desconsiderando sua diversidade e qualquer traço de intelectualidade.

Porém, o levantamento aqui apresentado tem o objetivo de motivar novos debates sobre o tema, ou seja, ainda há muito a ser estudado e analisado. Nesse sentido, espera-se que este artigo estimule novos estudos sobre os cristianismos em solo africano e fortaleça o entendimento de que o fluxo de contribuição intelectual no mundo deve considerar o sentido sul-norte, ou seja, África-Europa.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. **O Perigo de Uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRÉ. Encontrado na Etiópia o que pode ser o mais antigo exemplar da Bíblia ilustrada no mundo. **Ecclesia News**. 23 jul 2010. Disponível em: <https://ecclesia.org.br/news/?p=4667>. Acesso em 01 jan 2024.

CESARÉIA, E. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo Século, 2002.

EASTMAN, D. **Cristianismo Primitivo no Norte da África: Como Teólogos Africanos Moldaram a Teologia Cristã**. Rio de Janeiro: Pro Nobis Editora, 2022.

FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.



GINO, M. **A trajetória intelectual do professor Joseph Ki Zerbo: entre a fé católica e a militância anticolonialista**. 2022. Tese (Doutorado em História Comparada) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

HEGEL, G. **Filosofia da História**. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

KOBISHANOV, Y. Axum do século I ao século IV: economia, sistema político e cultura. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). **África Antiga**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 399-424. (História Geral da África, v. 2.). Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/pronacampo/pdf/hga_II_africa_antiga.pdf. Acesso em: 29 nov. 2024.

KÖESTER, H. **Introducción al Nuevo Testamento**. Salamanca: Sígueme, 1988.

MCGUCKIN, J. (ed.). **The Encyclopedia of Eastern Orthodox Christianity**. Chichester: Blackwell Publishing, 2011. v. 1.

MESTERS, C.; OROFINO, F. Las primeras comunidades cristianas dentro de la coyuntura de la época. Las etapas de la historia del año 30 al año 70. **Revista de Interpretación Bíblica Latino Americana (Ribla)**, n. 22, p. 32-42, 1996.

ODEN, T. **Quão africano é o cristianismo?** São Paulo: Quitanda, 2022.

OPOKU, K. A religião na África durante a época colonial. In: BOAHEN, Albert (ed.). **África Sob Dominação Colonial, 1880-1935**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 591-624. (História Geral da África, v. 7).

ROMÃO, J.; GADOTTI, M. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012. (Série Unifreire, v. 3).